



Drummond e o “Caso Lysenko”: uma leitura de “contemplação no banco”

Drummond and the “Lysenko Affair”: a reading of “contemplation on the bench”

Seção Livre

Cleber Ranieri Ribas de Almeida*

ORCID: 0000-0002-9617-5344

E-mail: ranieriribas@yahoo.com.br

Recebido: 27/04/2023

Aprovado: 08/11/2023

Resumo:

Neste breve estudo sustentarei a tese de que o poema “Contemplação no banco”, de Carlos Drummond de Andrade, é uma descrição poética e visionária do novo homem que supostamente seria fabricado pela “Biologia proletária” de Trofim D. Lysenko (1898-1976). Essa hipótese de leitura tem como prova documental as declarações dadas pelo próprio Drummond numa entrevista concedida ao jornalista Otto Lara Resende, em dezembro de 1948. Ao ler a entrevista, constatei que as respostas dadas pelo poeta desvelam o conteúdo enigmático do poema. Drummond estava particularmente preocupado com os desdobramentos futuros da revolução genética então em curso na União Soviética stalinista. Tal revolução era conhecida pela opinião pública mundial como o “caso Lysenko”. Por isso, ao longo do poema, o eu-lírico reitera a tese lysenkoísta segundo a qual o novo homem da Biologia soviética romperia radicalmente com as leis genéticas da hereditariedade mendeliana e com o mito da origem adâmica da humanidade judaico-cristã. Tal revolução genética teria por corolário a refutação das leis fixistas da hereditariedade que, para Lysenko, eram apenas a expressão tirânica de uma ideologia reacionária, fascista, idealista, capitalista e burguesa.

Palavras-chave:

Drummond, Contemplação no Banco, Caso Lysenko, Dialética Marxista.

Abstract:

In this brief study I will support the thesis that Carlos Drummond de Andrade’s poem “Contemplation on the bench” is a poetic and visionary description of the new man who, in the near future, could be genetically engineered by Trofim D. Lysenko’s (1898-1976) “Proletarian Biology”. This hypothesis has documentary proof in the statements made by Drummond himself in an interview with the journalist Otto Lara Resende in December 1948. Reading the interview, I realized that the answers given by the poet reveal the enigmatic content of the poem. Drummond was particularly concerned about the future developments of the genetic revolution then underway in the Stalinist Soviet Union. This revolution was known to world public opinion as the “Lysenko affair”. Therefore, throughout the poem, the lyricist reiterates the Lysenkoist thesis that the new man of Soviet biology would radically break with the genetic laws of Mendelian heredity and with the myth of the Adamic origin

* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

of Judeo-Christian humanity. This genetic revolution would have as its corollary the refutation of the fixist laws of heredity which, for Lysenko, were merely the tyrannical expression of a reactionary, fascist, idealist, capitalist and bourgeois ideology.

Keywords:

Drummond, Contemplation on the Bench, Lysenko Affair, Marxist Dialectics.

Introdução

Assim como ocorreu com outros poemas de *Claro Enigma* (1951), “Contemplação no Banco” foi previamente publicado num periódico literário da época. Saiu nas páginas do décimo terceiro número da revista *Província de São Pedro* (RS), em dezembro de 1949. Desde então, o poema foi acuradamente analisado pela fortuna crítica drummondiana. O conjunto das interpretações, já cristalizadas, compõe uma espécie de cânone hermenêutico do poema, compreendido, em termos gerais, como uma peça utópica e revolucionária insulada entre os poemas herméticos, “metafísicos” e classicizantes de *Claro Enigma* (MERQUIOR, 1976, p. 193; BYLAARDT, 2000; CAMILO, 2005, p. 217). É consabido, também, que diversos poemas desse livro foram elaborados mediante o uso de intertextos poéticos arcanos, muitos dos quais ainda por desvendar. E “Contemplação no Banco”, como veremos aqui, é uma peça exemplar nesse sentido de ocultar (e deixar entrever) seus interlocutores poéticos.

A primeira pergunta a ser feita sobre o poema seria: o que o poeta contempla a partir daquele assento? Obviamente, a resposta a esta questão está contida no próprio texto do poema, porém, de modo apenas sugestivo, não de modo categórico, explícito ou autoexplicativo. À luz do poema, podemos apenas entrever a matéria de que trata o poeta: sentado num assento público, angustiado, ele pensa nas misérias do mundo presente e imagina um mundo futuro, utópica e intelectivamente moldado, povoado por um novo homem, eticamente superior. O poema nos explica, assim, a origem e a feitura desse novo homem, ainda incorpóreo, porém imaginariamente prefigurado. Essa ligeira explicação, contudo, apenas parafraseia os versos do poeta. Por conseguinte, ela não lança luzes sobre o sentido ulterior do enigma que supostamente subjaz ao texto.

Para que tenhamos uma compreensão mais clara do sentido do poema, creio, é necessário recorrermos a alguns elementos contextuais que, aparentemente, desvelam os temas e questões que preocupavam Drummond entre os anos de 1948 e 1949. Lendo diversas crônicas e depoimentos do poeta publicados nos jornais dessa época, deparei-me com uma entrevista concedida ao jornalista Otto Lara Resende e publicada em *O Jornal* (RJ), no início de dezembro de 1948, portanto, um ano antes da publicação de “Contemplação no Banco” na revista *Província de São Pedro*. Nessa entrevista, Drummond se diz preocupado com as consequências do progresso da Ciência para a formação do “homem do futuro” geneticamente produzido. Drummond se referia então, sem dar maiores explicações, ao “desentendimento” entre duas “academias de Ciência” ocorrido “ainda agora”. Ao reconstituir esse universo de questões científicas, descobri que Drummond aludia ali ao chamado “caso Lysenko”, uma controvérsia genética que pôs em confronto a Academia de Ciências de Moscou, de um lado, e as academias científicas europeias e americana, de outro. Como podemos perceber, essa declaração, emitida num dos momentos cruciais da Guerra Fria, descortina, para a compreensão do poema, uma nova perspectiva interpretativa.

À luz dessa entrevista, podemos então retomar a questão: o que o poeta contempla a partir daquele banco à margem de uma alameda? A hipótese de leitura que ora sustentaremos é a

seguinte: o que ele contempla é o novo homem, o homem do futuro, ainda incorpóreo, mas que, segundo a convicção revolucionária soviética seria fabricado pela “Biologia proletária” e dialético-materialista de Trofim D. Lysenko (1898-1976). Tal novo homem, prefigurado pelas descobertas da genética stalinista oficial, romperia radicalmente com as leis genéticas da hereditariedade e com as teses da origem adâmica da humanidade judaico-cristã. Portanto, esse homem soerguer-se-ia contra a verdade revelada do livro de *Gênesis* e contra as leis genéticas de Gregor Mendel e seus discípulos. Uma vez que fosse manipulado geneticamente, esse homem lysenko-michuriniano seria o promotor da nova ordem revolucionária fraternal socialista.

Não obstante, em termos éticos, o arquétipo moral do homem futuro não proviria apenas da genética michuriniano-materialista de Trofim Lysenko, mas também da poesia revolucionária, tendo em vista que Drummond via na imagem pública de Maiakovski o perfeito e incorpóreo modelo do homem socialista do futuro. Para Drummond, a imagem de Maiakovski estaria desenhada no retrato biográfico e poético feito por Lila Guerrero na *Antologia de Maiakovski. Su Vida y Su Obra* (1943). Assim sendo, o que o poeta mineiro contempla a partir daquele assento público é a imagem do homem socialista arquetípico, o artífice de uma nova ordem social fraterna, altruísta e solidária que ainda estaria por se consumir científica, moral e poeticamente. Ao que tudo indica, Drummond entendia que esse novo homem seria um ser híbrido fabricado pela manipulação genética soviética e pela exemplaridade da figura de Maiakovski. Quando diz que o jornal “mente”, Drummond se referia, provavelmente, às críticas feitas à genética materialista de Lysenko, geralmente qualificada pela comunidade científica internacional como “anticiência” e “fraude científica”¹. Por isso, também, Drummond diz que “contra a astúcia da medicina” esse homem “faz-se”. A “astúcia da medicina” seria, segundo a leitura que ora propomos, uma alusão à genética de G. Mendel, cujas leis da hereditariedade eram concebidas por Lysenko como uma ideologia reacionária, fascista, burguesa, idealista e imposta pelos interesses americanos e capitalistas. Lysenko, num de seus textos mais polêmicos, acusou Mendel, fundador da genética, de ser apenas um “monge beneditino” que “não passava de um clérigo reacionário” (LYSENKO *apud* LASKI, 1948)².

Como o método da Biologia de Lysenko era o materialismo-dialético, Drummond, seguindo o modelo triádico da dialética hegeliano-marxista — tese, antítese e síntese — subdividiu o poema em três partes, cada qual representando: (I) a tese do novo homem, o antiburguês, “elaborado” e “mentado” pela inteligência utópico-revolucionária (a “flor”) como uma “escultura de ar” “nua e abstrata”; (II) a antítese desse novo homem, agora materializado pela Genética lysenkoísta, concebido como uma negação tanto da genética mendeliana reacionária e burguesa, quanto da mítica origem criacionista e adâmica da humanidade; (III) a síntese do novo homem, retratado como uma força da natureza na terceira parte do poema; tal homem estaria exemplificado

¹ Segundo o magistral estudo de Marcelo Lima Loreto (2019) sobre o caso Lysenko no Brasil, somente no ano de 1950 o nome de agrônomo ucraniano apareceu em mais de 300 reportagens nos principais jornais do Brasil. Chama-nos a atenção, ao ler tais reportagens, que a maioria delas é favorável à tese lysenkoísta, o que se explica em razão do exponencial crescimento de filiados ao Partido Comunista Brasileiro nos anos de 1945 e 1946, tendo chegado a mais de 300 mil filiados em 1947, ano em que o partido foi declarado ilegal pelo Tribunal Superior Eleitoral. As poucas críticas negativas às teses e à postura de Lysenko são, geralmente, escritas por cientistas estrangeiros, como é o caso do artigo do cientista político Harold Laski, ou o caso do depoimento de Julian Huxley, ao dizer que “a ciência não se subordina às ideologias políticas” (O Jornal (RJ), 28 de dezembro de 1949).

² O cientista político Harold Laski, em seu artigo intitulado “O Bolchevismo contra a ciência e a arte. O Significado dos insultos a Mendel, Weissman, John dos Passos e Eliot”, publicado no *Correio da Manhã* de 18 de setembro de 1948, reage às acusações feitas por Lysenko contra alguns cientistas e escritores europeus e americanos. Dentre os acusados estava Mendel, que não poderia se defender das diatribes porque já estava morto. Assim, Laski ironiza a acusação feita por Lysenko contra Mendel repetindo-a nos seguintes termos: “Lysenko, ao que parece, dedica-se agora a atacar Mendel e outros biólogos de reputação como Augusto Weissman. E como Mendel, fundador da genética moderna, era também monge beneditino, evidentemente não passava de um clérigo reacionário... Ainda não disseram que a rejeição por Weissmann das teorias de Lamarck, em virtude deste ser alemão, constituiu uma preparação para as teorias racistas dos nazis.”

na individualidade arquetípica de Maiakovski, poeta cuja imagem se espalharia “sobre o mar oceano”, “à maneira da frio, da chuva, do calor e das lágrimas”. O “eu-oceânico” de Maiakovski seria o arquétipo descarnado do homem socialista futuro, como tal, ele consumiria a suprassunção dialética do novo homem. Drummond, assim, entendia o homem de Lysenko como uma etapa intermediária do processo dialético de construção da nova humanidade e da “vida nova”.

Antes de iniciarmos a exposição das evidências documentais dessa hipótese de leitura do poema, devemos aqui fazer uma breve advertência hermenêutica. Não será nosso propósito julgar a veracidade ou o sucesso científico da teoria genética de Lysenko. Sabemos que a comunidade científica internacional sempre o considerou um “charlatão” e “pseudocientista”. Nosso intuito, nessa brevíssima exposição da tese lysenkoísta, é reconstituir o universo de leituras, temas e questões que ocupavam e preocupavam Drummond quando escreveu e publicou “Contemplação no Banco”. Devemos, portanto, compreender política e sociologicamente como raciocinavam os defensores da Biologia de Lysenko no intuito de nos situarmos empaticamente no contexto político e científico em que se posicionava Drummond. O mérito ou demérito técnico dessa teoria não tem relevância para a compreensão do poema. E, como sabemos, entre os anos de 1948 e 1949 a Biologia soviética michuriniano-lysenkoísta era concebida por parte da opinião pública brasileira e estrangeira como um movimento científico renovador e como uma “verdade científica” (MONIZ, 1949); gerava, assim, muitas expectativas revolucionárias, sobretudo entre os filiados e simpatizantes do movimento comunista internacional.

Lido dessa perspectiva contextual, o poema deixa evidente que Drummond concebia o homem lysenkoísta como uma conquista científica inexorável responsável por desencadear processos éticos e fisiológicos futuros. Tais “avanços” deveriam ser objeto de uma crítica dialética cujo intuito seria produzir uma síntese. Afinal, se o corpo do homem do futuro seria constituído pela Genética stalinista, o espírito deveria provir da individualidade exemplar do poeta revolucionário, Maiakovski. Assim, as alusões à genética de Lysenko e às imagens agigantadas de Maiakovski deixam evidente que a ruptura política de Drummond com o Partido Comunista e com os companheiros da *Tribuna Popular* desde meados de 1945 jamais se consumou como uma ruptura ideológica. Podemos concluir, *in limine*, que entre os anos de 1948 e 1949 Drummond ainda via o regime soviético e o novo homem socialista como a vanguarda espiritual e científica do mundo futuro ainda por construir (ALMEIDA, 2022).

Nesse artigo, trataremos dos elementos intertextuais que evidenciam paralelos entre “Contemplação no Banco” e as teses da genética lysenkoísta-michuriniana. Os elementos maiakovskianos da primeira e terceira parte do poema serão tratados de modo muito ligeiro, tendo em vista que nos demandariam uma investigação mais acurada das apropriações intertextuais de Drummond em relação à poesia de Maiakovski. No intuito de demonstrarmos a relevância do caso Lysenko para a plena compreensão do poema, subdividimos o artigo em quatro tópicos: 1) o primeiro examinará a entrevista de Drummond concedida a Otto Lara Resende, tendo em vista que os depoimentos ali contidos nos permitirão compreender como Drummond não só estava a par do “caso Lysenko” como tinha uma visão crítica dos desdobramentos das teses lysenkoístas; 2) tal visão crítica será exposta no segundo tópico. Drummond entendia que a revolução genética lysenkoísta seria apenas uma etapa intermediária da transformação dialética do novo homem. A transformação final só poderia ocorrer quando o homem natural de Lysenko fosse moldado pela exemplaridade ética dos heróis socialistas, precisamente as figuras de Lênin, Maiakovski e Alexey Stakhanov. Quer dizer, o novo homem da Revolução de Outubro não poderia ser um mero autômato produzido pela manipulação genética; ele deveria surgir da suprassunção dialética cuja síntese estaria encarnada nas figuras de Lênin e Maiakovski; 3) o terceiro tópico tentará demonstrar como Drummond, ao imaginar poeticamente o homem do futuro em “Contemplação no

Banco”, o fez a partir de uma poetização das leis da dialética marxista; 4) o quarto tópico explanará os princípios dialéticos do método da Biologia proletária de Lysenko à luz do ensaio de Plínio Ribeiro Cardoso. Presumimos que esse ensaio foi a fonte primordial a partir da qual Drummond não apenas se pôs a par do “caso Lysenko”, como passou a crer convictamente na veracidade das teses da genética revolucionária soviética.

1 Drummond e o “caso Lysenko”

No dia 12 de dezembro de 1948, o jornalista Otto Lara Resende publicou em *O Jornal* (RJ) uma curta e esclarecedora entrevista com Drummond. Esclarecedora porque, nela, o poeta discorre abertamente sobre o assunto que tanto o preocupava naqueles dias: a manipulação genética da vida humana e a fabricação científica do homem futuro. Se observarmos bem, veremos que esse é o tema tratado pelo bardo mineiro na segunda e terceira parte de “Contemplação no Banco”. A entrevista se inicia com um tom pitoresco. Resende relata que ao chegar à sala de Drummond, lá encontrou, casualmente, um jovem rapaz que ali também trabalhava. O jornalista perguntou então ao moço onde estaria o senhor Carlos que naquela repartição cumpria expediente todos os dias. O jovem, inesperada e espontaneamente, respondeu que aquele senhor “magro” era um “homem esquisito” que fazia “o serviço calado e não da[va] uma palavra com ninguém”. Disse também que, apesar da esquisitice, tratava-se de um funcionário “danado de organizado e trabalhador”. Em razão dessa resposta inusitada, Resende deu à entrevista o título de: “É um homem esquisito — Carlos Drummond de Andrade num instante de pessimismo”. Ao saber que Drummond ainda não havia chegado, Resende saiu da repartição e voltou uma hora depois. Então, quando adentrou a sala, o jornalista viu Drummond “atrás de seus arquivos”, sentou-se e logo depois o indagou: “como vai a vida?”, ao que o poeta respondeu, espontaneamente, “numa conversa com fumos de profecia”:

Dentro de alguns anos a vida estará completamente modificada. Os progressos científicos acabarão por vencer as diferenças pessoais, o sofrimento individual que hoje nos assalta e embaraça. Cada descoberta da Ciência, cada passo no progresso da Física é um golpe terrível contra a nossa maneira de ser e a nossa própria concepção do homem. Ainda agora, uma Academia de Ciência se desentendeu com outra Academia, a propósito de Genética. Os da primeira parecem convencidos de que poderão determinar o tipo do homem do futuro, sem que se esteja preso às leis da hereditariedade. É uma tendência para a uniformização, com a produção de homens em massa, como numa chocadeira (ANDRADE, 1948).

Depois de explicar as consequências da desintegração do átomo, que resultaria numa “unidade da matéria”, tendo em vista que tornara-se “possível transformar tudo em tudo” por meio de uma “alquimia sem encantos” (alquimia esta destituída de “limites” e “valores”), Drummond continua a discorrer sobre o que (ou quem) seria o homem do futuro:

Teremos que viver num mundo que contraria o que somos. Já não haverá discriminações individuais. Tendem para desaparecer as características pessoais (sic). O sofrimento, a angústia, a miséria de cada um de nós talvez não passem de uma questão puramente fisiológica e, assim sendo, não existirão no homem de amanhã. Realmente é difícil, para homens como nós, imaginar esse mundo futuro e tão próximo. Assimilamos uma concepção espiritualista da vida e não conseguimos nos libertar do sentido metafísico, que se afirma ainda quando nos empenhamos na sua negação. Esse sentido, porém, não alimentará o homem da nova era, que será um tipo saudável, feito sob medida, livre do imprevisto e do insolúvel (ANDRADE, 1948).

Antes de examinarmos estas duas citações, é necessário nos reportarmos ao noticiário daquele dia. Ao dizer que “uma Academia de Ciência se desentendeu com outra Academia, a propósito de Genética” Drummond se referia a uma nota, também publicada naquele 12 de dezembro de 1948, no *Diário de Notícias* (RJ). Certamente, o poeta leu esta nota antes da entrevista com Resende. O título da nota era: “Por Causa da Teoria de Michurin Rompeu Relações com a Sociedade Real Britânica a Academia de Ciências de Moscou”. Essa chamada resumia bem o conflito científico desencadeado desde a realização da Conferência de VASKhNIL (União das Academias de Ciências Agrícolas Lenin), em 7 de agosto de 1948. Nessa sessão da Academia, o agrobiólogo Trofim Lysenko declarou publicamente que sua teoria michuriniana seria, a partir de então, a teoria biológica e agrícola oficial do regime comunista de Josef Stalin. A nota do *Diário de Notícias*, decerto lida por Drummond, dizia o seguinte:

Notícia de Londres diz que a Academia de Ciências de Moscou rompeu relações de correspondência com a famosa Sociedade Real Britânica — o que anunciou Sir Robert Robinson, presidente da entidade inglesa. Sir Robert, ao tornar pública a informação, disse que com esse ato cessa um longo período de interessantes contatos científicos entre as duas organizações culturais. O motivo do rompimento foi o fato de ter Sir Henry Dale (que foi presidente da Sociedade Real Britânica desde 1940 até 1945) renunciado ao cargo de membro honorário da organização soviética, anunciando que o fazia em sinal de protesto contra a demissão e o desaparecimento do cientista russo L. Vavilov, diretor da Academia de Genética Lenin, e sua substituição pelo cientista T. D. Lysenko. Lysenko é atualmente o cientista preferido pelo governo soviético, desde que se manifestou contra a conhecida “lei de Mendel”, sobre a hereditariedade, pregando, ao contrário, a “teoria de Michurin”, segundo a qual os característicos naturais de hereditariedade, nas plantas como nos animais, inclusive no homem, podem ser alterados pela enxertia. Sir Robert fez a comunicação à Sociedade Real na reunião em que este comemorava o seu 286º aniversário. Disse ele, por essa ocasião, que a notícia recebida da Rússia “perturbou profundamente a nossa paz de espírito”.

— “Quero me referir — disse Sir Robert — ao relatório que eminentes biólogos russos foram obrigados a assinar, e que contém interpretações dos dados atuais no terreno da Genética, interpretações essas que previamente haviam rejeitado ou talvez julgassem não merecer sua atenção” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1948).

Ao ler essa nota, Drummond presumiu que os biólogos oficiais do regime soviético estavam “convencidos de que poder[iam] determinar o tipo do homem do futuro, sem que [estivessem] preso[s] às leis da hereditariedade”. O poeta concluiu então que essa teoria, uma vez posta em prática, abria “uma tendência para a uniformização, com a produção de homens em massa, como numa chocadeira”. A imagem de homens uniformes ou padronizados produzidos em massa por uma chocadeira matricial supervisionada por uma elite científica, ainda que nos pareça decupada de um filme de ficção científica, deve ser aqui compreendida, a partir do contexto da Guerra Fria, como uma possibilidade real na percepção da opinião pública da época. Estávamos num contexto no qual, aos olhos de todos os povos do mundo, o poderio da ciência moderna parecia ilimitado, sobretudo após o testemunho apocalíptico das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Àquela altura, ninguém mais ousaria duvidar dos poderes da Ciência. Assim, a antevisão de Drummond acerca do homem do futuro nada tinha de absurdo ou fictício, contrariamente, tratava-se de um prognóstico realista sobre um dos possíveis destinos da humanidade, de modo que o “pessimismo” se tornara apenas um tipo de realismo.

Em razão de tal crença no poderio da Ciência e da Biologia soviética, em “Contemplação no Banco” Drummond imagina o homem do futuro sendo manipulado pela genética stalinista, e vaticina: “Ele talvez compreenda com todo o corpo,/ para além da região minúscula do espírito,/

a razão de ser, o ímpeto, a confusa/ distribuição, em mim, de seda e péssimo”. Esse privilégio do corpo fisiológico geneticamente programado e dotado de pleno domínio sobre as angústias metafísicas e espirituais do homem burguês é uma das qualidades exigidas do novo homem soviético. Drummond explica que tal homem, antítese do homem burguês, não será alimentado pela metafísica do espírito, mas pela fisiologia do corpo pré-programado:

assimilamos uma concepção espiritualista da vida e não conseguimos nos libertar do sentido metafísico, que se afirma ainda quando nos empenhamos na sua negação. Esse sentido, porém, não alimentará o homem da nova era, que será um tipo saudável, feito sob medida, livre do imprevisto e do insolúvel (ANDRADE, 1948).

Esse homem infalível, geneticamente programado, intelectual e corporalmente superior, será o poeta do futuro. Ele superará os tormentos do coração e a sina do poeta como Touro de Fálaris³, o homem cujo canto irrompe do sofrimento que o acompanha por toda a vida. Esse homem “feito sob medida, livre do imprevisto e do insolúvel”, terá sua personalidade homogeneizada com os demais, de tal modo que “não caberá seu jeito próprio de sentir a vida, seu modo de ser, sua hesitação, suas emoções particulares”. Assim, o poeta coletivo, tal como o homem coletivo lisenkoísta, estará fisiologicamente liberto da sina do sofrimento, porque nutrir-se-á de “outros sais” num “novo tipo de vida”:

O artista paga um preço muito alto pela sua arte, que é fruto, quase sempre, de um desequilíbrio. É o que me pergunto: valerá a pena esse sofrimento, essa angustia, para transmitir emoções? [...] O poeta sofre as misérias do mundo de todo dia, como qualquer cidadão e, pior, mais do que um cidadão qualquer. Valerá a pena tudo isso? [...] Talvez se consiga um bom resultado com o novo tipo de vida. No mundo futuro, criado pelo progresso espantoso da Ciência, não caberá seu jeito próprio de sentir a vida, seu modo de ser, sua hesitação, suas emoções particulares. Daqui a uns vinte anos, se não morrermos triturados pela bomba atômica, ou em função de qualquer catástrofe, morreremos de pânico, de puro pavor. Pode estar certo disso (ANDRADE, 1948).

Como assinalou o eu-lírico do poema, “a vida nova/ se nutre de outros sais” que desconhecemos; na entrevista o poeta assinala que “talvez se consiga um bom resultado com o novo tipo de vida” numa “nova era”. Contudo, como podemos ver, o juízo do poeta sobre esse novo homem lisenkoísta não é dos mais eufóricos. O *gauche* antevê tal criatura como um ser desprovido de individualidade cujas emoções serão fisiologicamente pré-programadas. Esse humanoide, produzido em massa numa chocadeira coletiva, será “mineralmente” manipulado para que seja o homem coletivo, uniformemente forjado⁴. Para alguns entusiastas, ele será o protótipo do cidadão

³ Kierkegaard ao se perguntar “O que é um poeta?” responde que todo poeta é “um homem infeliz que esconde profundos tormentos no coração, mas cujos lábios se moldam de tal forma que suspiro ou grito que deles irrompa soa como uma bela música. Acontece-lhe como aos infelizes que dentro do touro de Fálaris eram lentamente torturados em lume brando; os seus gritos não alcançavam os ouvidos do tirano para o aterrorizar, soavam-lhe como música suave. E as pessoas aglomeram-se à volta do poeta e dizem-lhe: canta logo outra vez! Como quem diz: oxalá novos sofrimentos atormentem a tua alma e os teus lábios permaneçam moldados como antes, pois o grito haveria apenas de angustiar-nos, a música porém é celestial”. Em nota de rodapé a tradutora de Kierkegaard, Elisabete M. de Sousa, explica-nos que “o touro de Fálaris é um instrumento de tortura inventado por Fálaris, tirano de Agrigento, na Sicília, no século IV a.C.; a vítima era supliciada dentro do touro, colocado sobre uma fogueira; ao aproximar-se da boca do touro para escapar ao sufocamento, os gritos da vítima soavam como uma melodia harmoniosa, já que a boca do animal estava talhada como um instrumento de sopro”. (Kierkegaard, 2013, p. 43).

⁴ O ideal do homem soviético dedicado ao trabalho coletivo, patriota, esforçado e austero era personificado, pela propaganda do regime, na figura heroica de Alexey Stakhanov (1906-1977), um popularíssimo mineiro soviético. É provável que Drummond aluda ao stakhanovismo quando diz que “mineralmente” “pressente” o homem do futuro. O ideal do cidadão trabalhador, altruísta, capaz de dominar seus instintos egoístas e preguiçosos, tinha como arquétipo a figura de Stakhanov. A partir de 1935, os mineradores stakhanovistas encabeçaram uma campanha destinada a maximizar a produtividade do trabalhador soviético e fazer da URSS uma potência agrícola e industrial mais poderosa do que as nações capitalistas. Stakhanov tornou-se um símbolo de produtividade após

no regime soviético futuro; para Drummond, todavia, a criatura de Lysenko é a corporificação do primeiro estágio dialético e material do novo homem, o incorpóreo, cujo estágio ulterior de formação será ético, e não estritamente genético. Esse homem novo, “nítido sobre o mar oceano”, é descrito na terceira parte do poema (III), na qual o eu-lírico do poema o retrata como uma força da natureza que “abrange a terra” e “se desata à maneira do frio, da chuva, do calor e das lágrimas”. Ora, essa imagem do novo homem como uma imensa força da natureza cuja voz se espalha pelo mundo é uma projeção da imagem do eu oceânico de Maiakovski (MEI, 2020).

Podemos depreender daí que Drummond via mais proficuidade, dignidade e grandeza na formação ética do homem maiakovskiano do que na formação biológica do homem lysenkoísta. Pensando como um adepto do materialismo dialético de Friedrich Engels (1882), aquele que funde o evolucionismo darwinista com o materialismo histórico marxista, Drummond via o homem de Lysenko como um salto quantitativo da Biologia materialista; tal salto deveria ser submetido a um novo movimento qualitativo cujo modelo se exemplaria no gigantismo individual do eu-maiakovskiano, o poeta. Assim, a realização do homem novo se exemplaria na imagem do poeta russo da Revolução de Outubro, não no homem coletivo de Lysenko, concebido como um ser desprovido de individualidade e produzido em massa numa “chocadeira”.

2 Drummond, Maiakovski e o Homem-Deus

Drummond descreve sua contemplação do novo homem no fim da primeira parte do poema. A descrição, contudo, torna-se mais enfática e misteriosa na terceira parte (III), quando o poeta nos diz que a imagem dessa criatura é sempre lacunar e apofática: “vejo-te nas ervas pisadas”, “descubro-te ausente”, “vejo-te incorpóreo, contudo nítido/ sobre o mar oceano”, “Quase posso tocar-te, como as coisas diluculares”, “efígie lunar”, “ó quimera”. A imagem que o poeta vê nos “jornais” (que “mentem”) não é uma visão, porque imagens jornalísticas e especulações biológicas não são visões, no sentido místico da palavra. Drummond se referia, nesse caso, a imagem do novo homem então prefigurada nos ensaios de Plínio Ribeiro Cardoso (1949) e do próprio Lysenko (1949). Os jornais “mentem”, certamente, porque negam as teses da Biologia proletária soviética, a criadora do homem futuro.

Assim, o poeta de Itaboraiti nos diz que a imagem de tal criatura se “molda” em cada um de “nós” e, por isso, não pode ser “capturada” pela tirania dos governantes, “a guarda” anticomunista do Governo Dutra. O novo homem é descrito então, nas duas últimas estrofes do poema, como uma força da natureza que “dissolve a cortina de palavras” (isto é, dissolve as especulações filosóficas e jornalísticas sobre a genética lysenkoísta). E embora seja “pura forma”, esse homem se expandirá até que “abran[ja] a terra e se desat[e] à maneira do frio, da chuva, do calor e das lágrimas”. Tal é o homem-quimera que “sobe do chão batido e da relva pobre”, um híbrido de imanência chã, manipulação genética, inteligência utópica e transcendência apofática. Provirá da terra humanizada, da Biologia proletária, da dialética marxista e da crença utópica. Homem-arquétipo, ainda intangível e evanescente, mas já esperado por toda a comunidade revolucionária internacional. Por ser um arquétipo de perfeição do comunista imaculado, ele só pode ser contemplado. Sua encarnação é apenas imaginada. Não obstante, já se sabe que ele emancipará a espécie humana do reino da necessidade e a conduzirá ao reino da liberdade. Portanto, ele surgirá da transformação ética e política do homem natural lysenkoísta. Drummond o concebia como um híbrido de Lênin, Maiakovski e Alexey Stakhanov, o heroico mineiro soviético, símbolo da força de trabalho da classe operária (daí o verso no qual o poeta diz: “como te amo/ e mineralmente te pressinto”).

ter extraído, segundo relatos do regime stalinista, 102 toneladas de carvão em 5 horas e 45 minutos de trabalho, o que perfaz 14 vezes a sua cota (OVERY, 2004, p.258).

Ao conceber o novo homem como supressão do homem de Lysenko, Drummond estaria subjugando os elementos naturalistas da revolução genética aos elementos éticos que moldam a exemplaridade política e moral dos heróis socialistas. Lila Guerrero nos explica a tese de Maiakovski segundo a qual o último estágio da revolução estaria no “sangue” dos poetas revolucionários, em “su sensibilidad”, “en sus reacciones emocionales más primitivas” (GUERRERO, 1943, p. 131). Por isso Drummond nos diz que “cada um traz” a revolução “no sangue, no vento”. O homem revolucionário não será um autômato da manipulação genética, mas o senhor de todas as ciências e subjugador do mundo natural. Seria essa a tese marxista da superioridade do homem sobre a natureza, tese segundo a qual “el hombre dominará la naturaleza y pasará del mundo de la necesidad al mundo de la libertad” (GUERRERO, 1943, p. 131). Por isso, na sociedade socialista o amor pelo homem deve ser maior que o amor pela natureza, porque o novo homem, como disse Maiakovski, será o Homem-Deus, o Deus de Carne.

3 As Leis da Dialética e a Contemplação do Novo Homem

Por crer na materialidade dessa supressão antropológica (SLOTERDIJK, 1999), ao longo do poema o bardo mineiro alude às três leis da dialética (INTRODUÇÃO, 1976). Primeiro ao referir-se à lei da transformação da quantidade em qualidade, declinada na própria divisão do poema em três etapas as quais nos descrevem os estágios de construção do novo homem e destruição do velho, o burguês. O poema assim nos descreve os três momentos da transformação desse homem novo, contemplado a partir de um assento público. Os três estágios são os seguintes: (I) o poeta contempla a “flor”, mentada e elaborada, descrita como um primeiro passo que conduzirá os homens a superar os males do “rio presente”, isto é, os vícios egoístas do burguês e sua ordem social perversa; (II) o poeta contempla o homem lisenkoísta-michuriniano produzido pela Biologia proletária soviética; tal homem é descrito como um segundo estágio, de caráter negativo, porém responsável pela construção corporal, fisiológica e mineral do novo homem; esse ser consumará a negação do homem adâmico-mendeliano; (III) o poeta contempla o arquétipo do novo homem socialista, ainda descarnado, porém plasmado como uma “visão” literária idealizada; tal visão, apresentada pelo eu-maiakovskiano, é descrita como uma força da natureza que se espalhará pelos quatro cantos do mundo, como um novo Adão e sua genealogia. O novo Adão será o exemplo máximo do imaculado comunista do futuro.

Contemplado pela imaginação utópica do poeta, o novo homem se constitui a partir desses três movimentos descritos, cada qual, como etapas da transformação vital, corporal e ética. Ainda assim, tal novo homem jamais se materializa, porque é uma “efígie lunar” ou “quimera” que se “molda” na imaginação do poeta, até que atinja a supressão (*aufhebung*) corporal, fisiológica e política numa “vida nova” não muito distante. De todo modo, a superação do estágio negativo e a posterior transformação qualitativa se dará na síntese ética e dialética do último homem, o “incorpóreo” e oceânico eu-maiakovskiano.

Já a lei da unidade e conflito dos contrários está aí claramente declinada pelo poeta quando nos fala de um “sublime arrolamento de contrários” que “por fim” enlaça as qualidades do novo homem “na vasta integração das formas puras”. Drummond, assim, nos diz, sobre o homem lisenkoísta poeticamente imaginado que: “Ele é seu próprio irmão”, ainda que “longe do nosso vão desenho/ e de nossas roucas onomatopeias”. Alude, portanto, às onomatopeias de Maiakovski⁵,

⁵ Como dissemos, as “roucas onomatopeias” de Drummond aludem, certamente, às onomatopeias de Maiakovski, aquelas que fundem o som e o sentido das palavras. Segundo Mei, tais onomatopeias, próprias da “nova poesia [de Maiakovski] alçam a palavra ao status de material, de cimento poético. E o som é também instrumento de manutenção do ritmo, alicerce de sua poesia” (MEI, 2019, p.51). O uso das onomatopeias para cantar a “flor” da revolução constituem a tônica da poética cubofuturista Maiakovskiana. Trata-se, em última instância, da exploração da sonoridade das palavras para convocação dos homens em torno da utopia revolucionária.

mestre da fusão entre som e sentido, profeta do novo homem socialista. Sabemos que a exploração da sonoridade das palavras era usada pelo poeta georgiano para convocar os homens em torno da causa comunista e revolucionária. E tanto o fez por toda a União Soviética que enrouqueceu.

A lei da negação da negação, por sua vez, é explicada pelo poeta quando se refere à origem desse homem futuro. Drummond então assinala que tal homem “é seu próprio irmão”, ou seja, ele é uma *creatura criatrix*, criador de si mesmo. E por criar a si próprio, esse homem consumará carnalmente o homem-Deus de Maiakovski, o Gigante (MEI, 2020). O homem do futuro “nega a fonte escura”, isto é, nega o Deus criador e a genealogia adâmica judaico-cristã. Portanto, ele nega a criação para tornar-se seu próprio criador. Daí Drummond afirmar que tal homem não é “filho” nem “irmão” do homem burguês adâmico. Ao negar a genealogia de Adão, esse homem se libertará dos grilhões da hereditariedade reacionária, mendeliana, fascista, capitalista e burguesa.

Não por acaso, essa imagem pós-adâmica do novo homem lysenkoísta fora analisada (e rejeitada) por Otto Maria Carpeaux num artigo publicado no dia 3 de julho de 1949, em *O Jornal* (RJ). No texto, intitulado “Um Argumento Contra o Comunismo”, o polímata austríaco acusava a teoria genética de Lysenko, aparentemente a mais radical “teoria antirracista que os comunistas já elaboraram”, de ser, em verdade, um argumento em favor do racismo, uma vez que presumia uma criptoeugenia do gênero humano. Para deixar evidente o caráter criptorracista da práxis agrogenética de Lysenko, Carpeaux nos explica que havia na literatura russa da época um ímpeto de “transformação do homem pela doutrina e ação socialistas”:

Um dos temas principais da nova literatura russa é a transformação (outros dizem “remodelação”) do homem pela doutrina e ação socialistas. Basta ler romances como “O nascimento do herói”, de Libedinski, ou “A têmpera do Aço”, de Nikolai Ostrovski⁶, e até certas coleções de versos líricos de Bezymensky e outros para receber a impressão mais viva daquele desejo de “remodelação do homem”. As correspondentes manifestações científicas eram raras antes de 1939: confiava-se na universalidade do processo dialético como recurso infalível de transformação; ficava reservada a apresentação dos resultados aos poetas e aos ficcionistas. Mas esses resultados parecem mesmo bastante fictícios, embora menos poéticos. Primeiro, a necessidade de depurações sucessivas demonstrou a pouca segurança do método dialético para criar-se humanidade diferente. Depois, e recentemente, [...] o melhoramento enorme das condições de vida na Rússia soviética [deixaram evidente que jamais anularam] a constância fundamental [...] das qualidades humanas [...]. E o apelo final à ciência de Lysenko modificaria o velho Adão e sua consorte Eva? Como argumento contra o comunismo essa pergunta não vale nada. Sempre será possível apresentar e interpretar das maneiras mais diferentes os fatos da realidade. Mas essas possibilidades encontram um limite na própria estrutura do pensamento humano. “O velho Adão continua”, isso quer dizer na linguagem comum de Mendel e Lysenko: “O genótipo é constante” (CARPEAUX, 1949).

⁶ A história da trágica vida de Nikolai Ostrovski (1904-1936), encarnada pelo protagonista Pavel Korchagin em Assim Foi Temperado o Aço, foi publicada, originalmente, em 1932, numa série contínua da revista *Molodaya Gvardiya* (Jovem Guarda). Uma segunda parte do romance saiu na mesma revista no início de 1934. Apenas em 22 de dezembro de 1936, no dia do funeral de Ostrovski, o texto foi publicado em forma de livro, tendo vendido 36,4 milhões de exemplares até hoje, além de ter sido traduzido para 56 idiomas em 47 países, o que o consagrou como o livro mais vendido do idioma russo. No Brasil, foi traduzido e publicado pelo Editorial Vitória, em 1954. Segundo a crítica, nesta versão em livro, a narrativa de Ostrovski foi editada pelo censura soviética. Os elementos tidos como burgueses, tais como o esforço individual de autossuperação, o sofrimento psicológico e corporal causado pela invalidez física do personagem e as crises matrimoniais de seu casamento, foram limados ou editados nas edições oficiais autorizadas pelo regime, que fez do protagonista um comunista imaculado, símbolo de absoluta entrega à causa do socialismo soviético. Como assinala Mikhail Viesel (2016), “em vez da história de um indivíduo cuja força de vontade e talento superaram os dolorosos golpes do destino, a história da vida de Ostrovski foi refeita pelos soviéticos em um conto sobre como um ‘novo homem’ poderia ser forjado a partir de um ‘material humano’ heterogêneo e muitas vezes sem valor. Este novo homem foi um participante e co-criador da nova sociedade socialista [...]. A literatura soviética do período stalinista está repleta de histórias em que as pessoas são comparadas a pedaços de ferro com os quais o comunismo, como um martelo, forja novas pessoas. O tema fica evidente até nos títulos das obras do período. *The Iron Flood* (1924), de Alexander Serafimovich, é um romance sobre a campanha

Nau Literária | Porto Alegre | v 19, n. 1 | Janeiro - Dezembro, 2023 | e-132084

A pergunta de Carpeaux — “E o apelo final à ciência de Lysenko modificaria o velho Adão e sua consorte Eva?” — em outras palavras significa: a remodelação genética desse novo homem, depois de imaginada na literatura russa e hipoteticamente posta em prática pela “genética proletária” lysenkoísta será capaz de anular as qualidades e os defeitos constituintes do homem? Carpeaux, sensatamente, adverte os leitores, entusiastas de Lysenko, de que “esses resultados parecem mesmo bastante fictícios”. O tempo provou que, mais do que “fictícios”, tais resultados eram uma fraude. O novo homem soviético só existia na literatura revolucionária russa. E Lysenko capitalizou essa esperança coletiva a seu favor.

Stalin dizia que “os escritores são os engenheiros da alma humana”. Porém, como advertiu-nos Carpeaux, essa confiança na “universalidade do processo dialético como recurso infalível de transformação” do homem, tendo os escritores como forjadores de almas, se perdeu, dando lugar ao ímpeto de dominar a natureza e moldar o homem pela manipulação genética. Tratava-se de um esforço político desesperado de realizar na Ciência a malograda utopia que já estava prefigurada na literatura. Como sói ocorrer com todos os povos, a imaginação literária dos escritores russos precedeu a ambição prometeica de seus cientistas. Assim, Carpeaux nos diz que a genética de Lysenko fora apenas a projeção política e pseudocientífica de uma ambição coletiva que já estava na imaginação dos escritores e do povo soviético. Lysenko, mais do que um cientista, foi um *poeta da Biologia* falando para a imaginação de seu povo ávido de ver aquelas façanhas genéticas se concretizarem. *Mundus vult decipi, ergo decipiatur*: se o mundo quer ser enganado, pois que seja enganado!

Carpeaux então nos esclarece que Lysenko não apenas negava peremptoriamente as teses do mendel-morganismo (acusando os epígonos desse paradigma de “falsificar a ciência para ajudar a ordem estabelecida e impedir o progresso”), como também afirmava, convictamente, que as plantas poderiam ser submetidas a um processo de “educação” e “reeducação” de tal modo que as mutações nos genótipos poderiam ser “controláveis e dirigíveis” (CARPEAUX, 1949). O fato é que cientistas americanos e europeus jamais conseguiram repetir a façanha de Lysenko, o que deu aos adeptos da “genética proletária” a certeza de que, em pouco tempo, a genética russa desenvolveria as técnicas capazes de “transformar todas as espécies de criaturas vivas, inclusive o próprio gênero humano” (CARPEAUX, 1949). Para tanto, bastaria que Lysenko e seus epígonos eliminassem “biologicamente as características inculcadas aos oprimidos durante os séculos de injustiça social” mediante a “reeducação do proletariado” e a educação das “raças atrasadas”. Assim, conclui Carpeaux, o fim lógico do lysenkoísmo seria a “‘criação’ de uma raça superior — o super-homem socialista”. Ao negar a “constância das características hereditárias”, o lysenkoísmo se apresentaria ao público com um “fenótipo” ou “aparência” antirracista, porém, em verdade, suas teses seriam essencialmente racistas.

Ávido leitor de jornais e revistas, Drummond certamente teve acesso a esse impactante artigo de Carpeaux. Contrapondo-se aos argumentos do amigo austríaco, o poeta desenvolveu as teses da segunda parte do poema, assinalando que esse novo homem “faz-se”, não é “gerado”, pois “nega a escura fonte”, Adão e sua geração. A despeito dessa contraposição, e de sua crença na vinda do inexorável homem de Lysenko, Drummond admitia, com Carpeaux, que a remodelação genética não seria suficiente para forjar no “aço”, apenas “mineralmente”, um novo homem eticamente superior.

do Exército Tamask no verão de 1918 durante a Guerra Civil Russa na qual os soldados desconectados e desmoralizados se transformam em um super-ser unido; *How the Steel Was Tempered* (1932), de Ostrovsky, é a história de um jovem talentoso, mas indisciplinado, que se transforma em um ‘soldado partidário’ impecável — uma típica existência soviética; *Virgin Soil Upturned*, de Mikhail Sholokhov (1932, 1959), usa a mesma metáfora de algo selvagem se transformando em algo civilizado, mas em uma aldeia e não no campo de batalha; *Story of a Real Man* (1946), de Boris Polevoy, baseado numa história real, conta a história de um piloto que, apesar das pernas quebradas, rasteja por muitos dias (no inverno, na neve) até a linha de frente e consegue retornar para combater apesar de ter ambas as pernas amputadas abaixo dos joelhos”. Como se vê, a tese de Viesel sobre a literatura do período tem muitas afinidades com a tese de Carpeaux.

Em suma, o homem lysenkoísta foi concebido por Drummond como uma antítese do novo homem de Maiakovski, aquele que exaspera sua individualidade sem anular seu amor universal pela humanidade. Portanto, o homem de Lysenko é a negação genética e corporal do homem burguês assim como o individualíssimo homem maiakovskiano é a negação do homem-massa de Lysenko. Eis porque o último homem da terceira estrofe é a negação da negação.

4 Os Fundamentos Metodológicos da Biologia Proletária: Drummond, leitor de Plínio Ribeiro Cardoso

Lysenko entendia sua Agrobiologia como uma práxis, não como uma teoria geral postulante de leis científicas ortodoxas. Por ser uma práxis — baseada na precedência da ação sobre a observação científica —, a genética michuriniano-lysenkoísta tinha como fundamento metodológico as leis do materialismo-dialético marxista, sobretudo as leis da totalidade do ser e do conhecimento holístico que explica o perpétuo movimento da natureza orgânica e inorgânica. Assim, Michurin (1855-1935), o precursor, e Lysenko, seu discípulo, entendiam que o meio externo é determinante para a formação do patrimônio genético hereditário dos organismos, sobretudo porque a relação entre o meio externo e os seres vivos se desdobraria num processo totalizante e marcado pela permanente interpenetração de elementos contrários. Não por acaso, Lysenko costumava se apresentar à comunidade científica como um herdeiro das teses do evolucionismo darwinista. E ainda que rejeitasse o rótulo de lamarckista (KREMENTSOV, 1997), é assim que alguns biólogos entendiam o fundamento de suas teses agrogenéticas. Para o criador do processo de “vernalização” do trigo, as teorias pretéritas deveriam ser, ao mesmo tempo, negadas e assimiladas pelo paradigma michuriniano, formando assim uma síntese. Isso explica porque Lysenko tornou-se o porta-voz preferencial do projeto bolchevique-stalinista cujo propósito era jungir o método dialético e a ciência empírica. Todos os cientistas compulsoriamente comprometidos com o regime convergiam para esse ideal. Outro exemplo marcante seria o caso do bioquímico russo Alexandre Oparin (1894-1980), cuja tese acerca da origem da vida na Terra conciliava a teoria da seleção natural de Darwin e o materialismo dialético marxista (1924).

Decerto, Drummond tomou conhecimento da genética dialético-materialista de Lysenko por intermédio de um conhecido texto do médico Plínio Ribeiro Cardoso, publicado na *Fundamentos: Revista de Cultura Moderna*, em novembro de 1948⁷. Essa informação é de grande relevância para que não julguemos Drummond como um especialista no debate genético daquele período⁸. O poeta, provavelmente, informou-se a partir da leitura de alguns textos esparsos publicados nos jornais da época, como foi o caso do artigo de Carpeaux supracitado. Não há indícios de que tenha lido os textos técnicos do próprio Lysenko, como seria o caso do livro *A Herança e Sua Variabilidade*, publicado numa tradução brasileira pelo Editorial Vitória, em 1948. Sabemos, contudo, que o texto de Plínio Ribeiro Cardoso — “Conflito de Duas Teorias

⁷ A revista *Fundamentos* foi lançada pela Editora Brasiliense meses antes desse artigo de Cardoso, em junho de 1948. Monteiro Lobato foi o primeiro redator-chefe da revista, tendo sido sucedido, após sua morte, por Afonso Schmidt. A revista teve suas atividades encerradas em dezembro de 1955. Tratava-se de uma publicação ligada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), ainda que os articulistas tivessem liberdade para tecer críticas às ações do Partido. Entre os colaboradores e conselheiros estavam Caio Prado Júnior, Annibal Machado, Astrojildo Pereira, Candido Portinari, Graciliano Ramos, Mário Schemberg, Oscar Niemayer, Sérgio Buarque de Holanda e Moacyr Werneck de Castro. Como se tratava de uma revista de cultura, os editores publicavam artigos e ensaios sobre os mais variados temas, inclusive científicos, como podemos ver nesse artigo de Plínio Ribeiro Cardoso (CEDEM-UNESP, 2020).

⁸ Segundo Osmar Pimentel (LORETO, 2019, p. 179), a contraposição entre os partidários das teses de Michurin-Lysenko e os adeptos das teses de Mendel-Morgan se daria, no contexto nacional, como uma espécie de “luta literária” travada entre conservadores e revolucionários que projetavam, sobre a discussão científica, suas convicções políticas. A opinião pública brasileira, em geral, portava-se como se estivesse num “Fla-Flu”, sobretudo porque a maioria dos nossos intelectuais não tinha qualquer conhecimento técnico ou científico para julgar o mérito da questão.

na Genética” — repercutiu entre os intelectuais brasileiros da época, sobretudo os intelectuais ligados ao Partido Comunista Brasileiro, como ainda era Drummond, a despeito dos desentendimentos que tivera com seus ex-camaradas em 1945 e 1947 (ALMEIDA, 2022). Um mês depois, Cardoso ainda publicou outro texto na *Fundamentos* intitulado “Sobre Genética”, de impacto semelhante sobre os leitores.

Loreto (2019, p.177) nos explica que Cardoso não apenas era “claramente alinhado com a versão oficial soviética que foi moldada por Lysenko”, como “tomou a versão do biólogo francês Marcel Prenant (1893-1983), dirigente do Comitê Central do Partido Comunista Francês”, como cientificamente incontestável. Esclarece-nos ainda que:

os artigos publicados por Cardoso causaram tanta repercussão que, dois anos depois, já na década de 1950, ele resolveu criar um curso sobre “Concepções de hereditariedade”. O curso era composto por dez palestras, ministradas durante um mês, na sede do Teatro Escola São Paulo (LORETO, 2019, p.180-181).

O próprio editor da *Fundamentos* qualificou o ensaio de Ribeiro, numa nota prévia que antecede o texto, como a mais elegante e arrazoada defesa da Biologia de Lysenko em nossos cadernos culturais. Como se tratava de uma exposição notória pelo evidente conhecimento de causa, é provável que Drummond a tenha tomado como referência para as observações que fizera a Otto Lara Resende na entrevista de dezembro de 1948. Se observarmos bem, veremos que na entrevista Drummond cita o exemplo da física atômica, certamente, inspirado no artigo de Cardoso. Assinala então que:

O pior é que, com a descoberta da desintegração do átomo, tudo parece possível. Caiu por terra a noção de Química e Física que aprendemos no Ginásio. Já não há diferentes corpos, de diferente composição, mas uma única matéria que se organiza segundo a disposição dos elementos atômicos, de um ou de outro jeito, resultando daí ouro ou madeira. A desintegração torna possível transformar tudo em tudo. É a era da alquimia, mas uma alquimia sem encantos, porque já não haverá limites e cairá toda e qualquer noção de valor (ANDRADE, 1948).

Não nos resta dúvida que o exemplo dado por Drummond é uma paráfrase do exemplo dado por Cardoso. Vejamos:

o melhor exemplo que se pode dar dessa íntima união entre as propriedades, qualidade e quantidade dos corpos, é a teoria atômica que, como concepção dinâmica, nos oferece também um brilhante exemplo das três leis dialéticas. A teoria atômica admite o átomo como o resultado de um processo material de luta íntima de contrários e onde os acréscimos de quantidade de cargas opostas modificam qualitativamente os átomos e os corpos. O sistema periódico de Medeleev conduziu a descobertas de propriedades de elementos que ainda eram desconhecidos. O que é importante para nós, é que os átomos são unidades (dinâmica) de elementos variados e com propriedades antagônicas e que podem ser deduzidos uns dos outros e onde as modificações quantitativas determinam as etapas qualitativas. Os períodos permitem ver ainda a lei da negação da negação, que constitui justamente o momento da «destruição» dialética de um elemento em outro. A primeira negação se manifesta nas propriedades metálicas, a segunda nas propriedades metaloídicas. Na negação das propriedades metálicas e metaloídicas, as propriedades negadas desaparecem, mas não completamente, e seus efeitos se manifestam na complexidade dos elementos nos períodos seguintes (CARDOSO, 1948).

O que distinguia o ensaio de Cardoso da pletora de textos sobre a questão era a propriedade com que o médico demonstrava a suposta superioridade do método dialético-materialista sobre

o experimental-mecânico próprio das ciências ocidentais. Com uma argumentação ao mesmo tempo técnica e filosófica, Cardoso conseguiu encantar Drummond e o público leitor das diversas revistas ligadas ao Partido Comunista. Para melhor entendermos esse encanto, é necessário nos aproximarmos um pouco mais do texto.

Inicialmente, Cardoso assinala que entre a genética mendel-morganista e a genética de Lysenko havia uma diferença de fundo metodológico: se a genética clássica estava fundada no método experimental e nos princípios da lógica formal aristotélica, a genética lysenko-michuriniana estaria fundada no método dialético-materialista que incorporava elementos lamarckistas e darwinistas considerados superados pela Biologia mendeliana. Cardoso resume a controvérsia nos seguintes termos:

Cremos que esse é o ponto fundamental da grande controvérsia. Os geneticistas morganistas, embora constituindo grupos heterogêneos, afirmam, categoricamente, que o meio externo não influi sobre o patrimônio hereditário, pelo menos nas condições normais, e que toda tentativa nesse gênero, seria pura e grosseira volta ao lamarquismo. A escola de Michurin aceita, ao contrário, a possibilidade dessa influência, como única capaz de abrir ao homem novos horizontes na conquista da natureza. Resumimos toda a controvérsia em torno desse ponto porque verdadeiramente ele é o essencial. Admitida a influência do meio sobre a propriedade hereditária, estará por terra toda a concepção fixista do mendelismo que encerra dentro de um corpúsculo uma série de propriedades em si independentes, sem conexão, no sentido metafísico, e que inexoravelmente traçará o destino do ser, arrancando do homem toda a possibilidade de intervir abertamente na natureza. A influência do meio exterior não será admitida no sentido mecanicista e grosseiro de Lamarck, mas como luta de opostos entre o ser e o ambiente. Assim sendo, os fenômenos de assimilação e desassimilação, a luta e a interpenetração da matéria viva e não viva, se processarão no organismo como um todo dinâmico (CARDOSO, 1948, p.437).

Está claro que o propósito dessa Agrobiologia empirista e dialético-materialista era produzir a mutação genética do patrimônio hereditário de animais e vegetais mediante a intervenção artificial do homem. Em última instância, o intuito de tal Biologia revolucionária era transformar toda a natureza conforme a vontade política do homem. Cardoso deixa subentendido aos seus leitores que toda a política científica do regime stalinista estaria fundada na convicção de que o artifício humano poderia triunfar sobre os limites impostos pela natureza. Por isso Lysenko se baseava numa “concepção dinâmica do organismo” segundo a qual a mutação genética não deveria ser concebida apenas como um acidente produzido pela natureza. Caberia ao homem “intervir” e “dominar os processos vitais” sem esperar que a mutação genética proviesse “unicamente de cruzamentos casuais entre os seres”. Assim, as mutações acidentais protagonizadas pelas ações da natureza deveriam ser substituídas pelas transformações genéticas produzidas pelo homem. É o homem quem deveria ser o protagonista do devir, não a natureza⁹. Por isso o

⁹ Quando Stalin lançou o chamado Grande Plano para a Transformação da Natureza (GUENNADI, 2014) — um programa de política agrícola implementado em outubro de 1948 — ele alçou a política experimental genético-agrícola de Lysenko ao status de política oficial do regime soviético. O Vozhd presumia que Lysenko exerceria, na agricultura, o mesmo papel que o físico Igor Kurchatov (1903-1960) exercia no desenvolvimento das armas nucleares. Kurchatov fora o líder do programa nuclear soviético, além de ter sido o responsável pelo desenvolvimento da primeira arma atômica do país, em 1949. Com o monopólio político das teses de Lysenko, Stalin retomou certos expedientes persecutórios empregados no período do Grande Expurgo, quando cientistas considerados morganistas, cosmopolitas e traidores da pátria foram perseguidos e mortos, como foi o caso do geneticista Nikolai Valivnov (1887-1943), desafeto de Lysenko e morto por inanição na cadeia, em 1943. A partir de agosto de 1948, portanto, o lisenkoísmo passou a ser a doutrina agrobiológica oficial do partido comunista russo e do regime stalinista. A proximidade entre Stalin e Lysenko era tal que, segundo o biógrafo Zhores Medvedev, Lysenko foi incumbido por seu líder a escrever uma apologia do michurinianismo a qual, antes de ser publicada, fora submetida à revisão técnica do próprio Stalin. O “relatório técnico”, ainda hoje preservado, esposava a preeminência das teses de Michurin sobre seus adversários; foi lido na conferência da VASKhNIL, em meados de 1948, perante um público formado exclusivamente por michurinianistas. Segundo Medvedev, Stalin “fez um bom trabalho de editoração”, tendo melhorado o texto de Lysenko ao eliminar “as asperezas” e moderar o “tom antiocidental”, tal como

conceito de transformação deveria substituir o conceito de mutação, de tal modo que o método experimental seria superado pelo materialismo dialético e o homem, por fim, triunfaria sobre a *natura noverca*:

Sabemos que o método experimental foi decisivo na evolução e progresso da ciência moderna, mas ele como uma coisa em si, isolado, pode levar ao mais grosseiro empirismo. Experiência e crítica, teoria e prática, não são entidades isoladas, mas constituem uma unidade dinâmica que pode encerrar aspectos contraditórios. Eis o grande defeito que achamos na experimentação dos morganistas. Ela é do tipo estático, formal, e não reflete inteiramente a realidade que é unicamente movimento, dinamismo complexo, luta de opostos. Todo o método lógico formal é rígido, calcado no velho princípio do ser ou não ser, no princípio da identidade, segundo o qual uma coisa não pode ser e deixar de ser ao mesmo tempo. Esse princípio, compatível com o materialismo mecanicista que gerou a ciência moderna, aceitava a realidade exterior, mas concebia a sua dinâmica em termos das leis mecânicas, isto é, apenas como deslocamento, que é a forma mais simples do movimento, e nunca como transformação. Refletia, pois, o setor mais amplo da ciência do século XVIII, que era a mecânica. Esse conceito mecanicista infelizmente ainda impregna perigosamente avançados setores científicos (CARDOSO, 1948).

Os lysenkoístas, como Cardoso, entendiam que a teoria corpuscular mendel-morganista da imutabilidade dos gens era um subproduto científico do racismo nazista cujas teses apoiavam-se na teoria dos “gens arianos”. A concepção dialético-materialista de Michurin e Lysenko, contrariamente, era compreendida como “incompatível com raças privilegiadas, pois aceita[va] o patrimônio hereditário como forma viva, em que predominam os processos de transformação, quer de ordem quantitativa, quer de ordem qualitativa” (Cardoso, 1948). Negar a genética mendeliana era o mesmo que negar o racismo nazista:

Ainda estamos estarecidos ante o monstruoso racismo desencadeado e apoiado por uma ciência oficial que admitia seres puros e superiores (conceitos metafísicos de imutabilidade). Para eles, os gens arianos movimentaram-se milhares de anos, num deslocamento mecânico, sem sofrer a mínima transformação! Aqui vem muito a propósito contestarmos as declarações do Prof. Muller, publicadas no «Estado de S. Paulo» do dia 4-10-48, onde o autor afirma que a fé na herança dos caracteres adquiridos deve inevitavelmente conduzir, como admitem alguns de seus aderentes, à mesma e perigosa conclusão fascista a que chegaram os nazistas: que os povos e classes do mundo economicamente menos avançados se tornaram realmente inferiores em sua hereditariedade. Vemos que o prof. Müller também cai no mesmo erro de palmatória, demonstrando um atraso filosófico de quase 200 anos, ao confundir o materialismo dialético com o materialismo mecanicista. Essa concepção grosseira do meio exterior agir sobre a herança, como se esta fosse uma massa plástica, constitui justamente a parte negativa e formal de Lamarck. A mesma rigidez e o mesmo formalismo apresentam, porém, a teoria corpuscular, apenas colocada em polo oposto, isto é, aceitando agora só a ação de uma propriedade interna em si. E tanto ela é rígida que serviu brilhantemente para o racismo nazista nela apoiar-se (gen ariano). A concepção dialética, ao contrário da afirmação sem base do prof. Müller, é incompatível com raças privilegiadas, pois aceita o patrimônio hereditário como forma viva, onde predominam os processos de transformação, quer de ordem quantitativa, quer de ordem qualitativa (CARDOSO, 1948).

Cardoso conseguiu criar em seu público a convicção de que a Biologia dialética soviética seria o golpe final sobre a Biologia mendeliana nazista. Sua argumentação soava como música

quando suprimiu todas as ocorrências dos termos “burguês” ou “genética burguesa”, substituindo-os por “genética reacionária” e “idealista” (MEDVEDEV; MEDVEDEV; DAHRENDORF, 2003, p. 186). Além de ser um lamarckista de formação, Stalin cultivava o hobby da jardinagem. E, assim como Lysenko, o Vozhd considerava as teses eugenistas de T.H. Morgan, August Weissman, James Watson e Francis Galton, fraudes difundidas por uma ciência burguesa, idealista, racista e reacionária. Daí proviria este ímpeto de superar tal famigerada “ciência burguesa” com a promoção política de uma “ciência proletária”.

para os intelectuais comunistas. Criou-se assim uma expectativa geral de que o regime soviético irrompesse uma revolução biológica de tal magnitude que aumentaria a produtividade agrícola dos países, incrementaria as variações genéticas dos alimentos e produziria grãos e hortaliças mais resistentes às intempéries climáticas em todo o mundo. Com apoio de Stalin e da propaganda soviética — as notícias diárias do Pravda sobre a revolução agrícola que estava prestes a ocorrer, as transmissões radiofônicas protagonizadas pelo próprio Lysenko e a difusão da imagem heróica de Ivan Michurin como precursor dessa revolução genética mediante a produção da película intitulada *Michurin* (1948) — a imagem de Lysenko foi sendo moldada perante o grande público como um cientista visionário, adversário implacável da ciência reacionária do Ocidente burguês. No coração dos adeptos do Partido Comunista Brasileiro, como ainda era, intimamente, Drummond, instituiu-se a convicção de que a dialética materialista seria uma etapa superior do conhecimento científico, porque capaz de “arranc[ar] da natureza o segredo do seu dinamismo, de seus movimentos contraditórios, que determinam as evoluções por saltos” quantitativos e qualitativos (CARDOSO, 1948, p. 435-436). Para a maioria do público letrado brasileiro não se tratava de uma controvérsia, mas da certeza de que uma revolução biológica estaria prestes a ocorrer. E, como podemos perceber, o texto de Cardoso foi de suma relevância para tal certeza. Ao conhecermos a arguição de Cardoso, podemos compreender o horizonte de consciência de Drummond no que diz respeito a tal questão científica.

Conclusão

Drummond qualifica sua imaginação poética como uma “contemplação”, certamente, por ironia e autodepreciação. Reconhece assim, implicitamente, que por ser um poeta brasileiro, ignorante no que diz respeito àquela revolução genética então em curso, o único gesto que lhe restava era imaginar poeticamente o novo homem nascituro. A poesia seria, para ele, simples leitor de jornais, a derradeira e única possibilidade de ação política.

A projeção da imagem do novo homem socialista, como dissemos, tem sua origem na filosofia e na literatura russa imediatamente posteriores à Revolução. Em 1924, no oitavo capítulo do livro *Literatura e Revolução*, Trotsky preestabelecia a agenda soviética para a formação fisiológica e educacional do homem do futuro ao assinalar que “o homem socialista dominará a natureza inteira [...] a contemplação passiva da natureza desaparecerá da arte [...] e, mais tarde, a oposição entre a técnica e a arte se resolverá numa síntese mais elevada” (TROTSKY, 1969, p. 213-214). E continua:

O homem, enfim, começará seriamente a harmonizar seu próprio ser. [...] Tentará dominar os processos semiconscientes e inconscientes de seu próprio organismo: a respiração, a circulação do sangue, a digestão, a reprodução. E, nos limites inevitáveis, desejará subordiná-los à razão e à vontade. A espécie humana [...] transformar-se-á radicalmente e se tornará, sob as suas próprias mãos, em objeto dos mais complexos métodos de seleção artificial e dos exercícios psicofísicos [...] A espécie humana que parou de rastejar diante de Deus, do tzar e do capital, deveria capitular diante das leis obscuras da hereditariedade e da cega seleção sexual? [...] O homem esforçar-se-á para dirigir seus próprios sentimentos, para elevar seus instintos ao nível do consciente e torná-los límpidos, para orientar a sua vontade nas trevas do inconsciente. Levantar-se-á, assim, a um estágio mais elevado da existência e criará um tipo biológico e social superior, um super-homem, se isso lhe agrada (TROTSKY, 1969, p.215).

O super-homem socialista, este híbrido de manipulação genética e reeducação moral e política seria, assim, intelectualmente superior, rigidamente disciplinado, dotado de autodomínio

sobre seus impulsos e baixos instintos, altruísta, saudável e dedicado à causa coletiva do comunismo. Como podemos perceber, a antevisão desse homem tem um caráter claramente vitalista. E “Contemplação no Banco” é uma tentativa poética de imaginar como seria a materialização dessa utopia que se estende de Trotsky a Lysenko. O novo homem deveria ser submetido a uma remodelação genética e fisiológica cujo fim último seria sua remodelação ética, política e estética.

Portanto, a visão drummondiana, no contexto da Guerra Fria, não é absurda, nem ingênua. Ela expõe a esperança utópica oculta no coração de todos os comunistas, a despeito da perseguição oficial perpetrada pelos “donos temporais” do país no Governo Dutra. Depois do cancelamento do registro legal do Partido Comunista, em maio de 1947, a “guarda” oficial tentava “capturar” até os desejos utópicos mais íntimos dos partidários. Mas esse novo homem era ainda imaginado por todos, tal como as “coisas diluculares/ que se moldam em nós, e a guarda não captura,/ e vingam”. A força dessa esperança entre os revolucionários era tamanha que, segundo Nicolai Berdiaev (1960, p.21), citando indiretamente Vladimir Solovëv, “a intelectualidade russa professava uma fé baseada num estranho silogismo: o homem é descendente de um macaco, portanto devemos amar-nos uns aos outros”. Entre a teoria evolucionista de Charles Darwin e o amor ágape cristão estaria o retrato híbrido do novo homem, prefigurado tanto pela imaginação revolucionária soviética, quanto pela poesia contemplativa de Drummond.

Referências

ALMEIDA, C.R.R. de. “*Entre Lobo e Cão*” e “*Dissolução*”: Uma Leitura Orwelliana da Abertura de *Claro Enigma*. Outra Travessia. v.1, n. 33, p.232-279, dez. 2022. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/86517> > Acesso em: 08 out. 2023.

ANDRADE, C. D. de. “É um homem esquisito — Carlos Drummond de Andrade num instante de pessimismo”. *O Jornal* (RJ). Entrevista a Otto Lara Resende, 12 de dezembro de 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&Pesq=%22Maiakovski%22&pagfis=46715> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&Pesq=%22Maiakovski%22&pagfis=46711> Acesso em: 04 de fevereiro de 2023.

ANDRADE, C. D. de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BERDIAEV, N. *The Origin of Russian Communism*. University of Michigan Press, 1960.

BYLAARDT, Cid Ottoni. Drummond: a metamorfose em direção à poesia pura. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [S.l.], v. 20, n. 27, p. 65-92, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6821>>. Acesso em: 26 abr. 2023.

CAMILO, V. Drummond: *da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. Cotia: Ateliê, 2005.

CARDOSO, P.R. “Conflito de Duas Teorias na Genética”. Fundamentos: *Revista de Cultura Moderna* (SP), Novembro de 1948, número 6, vol. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=102725&pesq=%22Lysenko%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=467> Acesso em: 03 de março de 2023.

CARPEAUX, O.M. “Um Argumento Contra o Comunismo”. *O Jornal* (RJ), 3 de julho de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&pesq=%22Lysenko%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=49822 Acesso em: 03 de março de 2023.

ENGELS, Friedrich. *Dialética da Natureza*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020 (1882).

GUERRERO, Lila; MAYAKOVSKY, Vladimir. *Antologia de Maiacovski*: su vida y su obra. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1943.

HUXLEY, J. “A ciência não se subordina às ideologias políticas”, *O Jornal* (RJ), 28 de dezembro de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22Lysenko%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=43418 Acesso em: 03 de março de 2023.

INTRODUÇÃO À DIALÉTICA MARXISTA. ABC do Marxismo-Leninismo Série B, N° 4, *Editorial Avante!*, Lisboa, 1976. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/abc-marxismo/bo4.htm> Acesso em: 22 de março de 2023.

KIERKEGAARD, S. Ou-Ou. *Um Fragmento de Vida* (Primeira Parte). Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

KREMENTSOV, N. *Stalinist Science*. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1997.

LASKI, H. “O Bolchevismo contra a Ciência e a Arte: O significado dos insultos a Mendel, Weissman, John dos Passos e Eliot”, *Correio da Manhã*, 18 de setembro de 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22Lysenko%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=43418 Acesso em: 03 de março de 2023.

LORETO, M.L. *As Repercussões e Reações do Caso Lysenko no Brasil*. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) — Decania do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.367. 2019.

LYSSENKO, T.D. *A Herança e Sua Variabilidade*. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1948.

MEDVEDEV, Zhores A.; MEDVEDEV, Roy A. *The Unknown Stalin*, translated by Ellen Dahrendorf. London: IB Tauris, 2003.

MEI, Letícia Pedreira. *Do caos ao universo*: uma cosmologia da poética de Maiakóvski. 2019. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso Universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

MONIZ, E. A Genética de Lysenko. *Correio da Manhã* (RJ), 15 de maio de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22Lysenko%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=47261 Acesso em 22 de fevereiro de 2023.

NEGRETTE, Carlos. *As relações entre a concepção de natureza de F. Engels e a hipótese A. I. Oparin sobre o problema da origem da vida na terra*. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

OSTROVSKI, N. *Assim se Tempera o Aço*. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1954.

OVERY, R. *The Dictators*: Hitler's Germany, Stalin's Russia. London/New York: Allen Lane, 2004.

SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano*: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

TROTSKY, L. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

VIESEL, Mikhail. How Literature was used to ‘temper’ soviet people. *Russia Beyond*, Kinopoisk, 22 de dezembro de 2016. Disponível em: https://www.rbth.com/arts/literature/2016/12/22/how-literature-was-used-to-temper-soviet-people_665721 Acesso em: 02 de abril de 2023.